

**A PRÁTICA ESCRITURÍSTICA NO COTIDIANO DE UMA CLASSE DE EDUCAÇÃO  
DE JOVENS E ADULTOS: O EMPREGO DE TÁTICAS E A PRODUÇÃO DO  
INÉDITO-VIÁVEL**

Juliana Bello Lopes.

ECEP.

Eixo 9: Educação de jovens e adultos e educação profissional

Segundo Certeau (1994), a prática escriturística assumiu um valor mítico nos últimos quatro séculos, sendo compreendida como possibilidade de progresso, de escrita-produção da história. Diante desse poder conferido às práticas escriturísticas, surge o que o autor denomina como “muralha da China”: o isolamento da produção escrita que distancia o texto daqueles que não o produziram. Tal isolamento cria em torno das práticas de escrita uma hierarquia que distingue aquele que escreve (*produtor* de algo acabado) daquele que lê (apenas um *receptor*). Assim, o binômio escritura-leitura passa a ser equivalente ao binômio produção-consumo, uma vez que se crê que “escrever é produzir o texto; ler é recebê-lo de outrem sem marcar aí o seu lugar, sem refazê-lo” (CERTEAU, 1994:264).

Tradicionalmente, as práticas educativas buscam meramente *transmitir* os mecanismos de codificação da escrita, valorizando as atividades de cópia e de repetição, entendendo que a maioria dos sujeitos, principalmente os de classes populares, podem ser apenas *consumidores* e não *produtores* de texto. Nessa perspectiva, o leitor é compreendido como sujeito passivo, que obrigatoriamente deve reconhecer o “sentido verdadeiro” da produção que consome. Com Certeau, entretanto, é possível compreender que a atividade leitora apresenta, ao contrário, “todos os traços de uma produção silenciosa”, como improvisação e expectativa de significados, pois “um mundo diferente (o do leitor) se introduz no lugar do autor”. Freire (1992: 79) complementa tal pensamento ao afirmar que “ler um texto não é “passar” licenciosamente, pachorrentamente, sobre as palavras. É aprender como se dão as relações entre palavras na composição do discurso”.

Considerando, portanto, a escrita como uma prática que não se encerra em si mesma e entendendo a leitura como um meio de também produzir sentidos segundo uma determinada leitura de mundo, por quais motivos muitas atividades educativas ainda reproduzem práticas que excluem os educandos do lugar da produção? De acordo com Frigotto (2000), a retórica neoliberal procura naturalizar todos os tipos de exclusão, atribuindo aos sujeitos marginalizados a responsabilidade de sua posição, mascarando a oferta extremamente

desigual de oportunidades. Buscar a *qualidade na educação*, nesse sentido, envolve a perpetuação e o aprofundamento das relações altamente competitivas e injustas.

Na busca por caminhos diante dessas relações desiguais e de seus consequentes obstáculos, as ditas situações-limites na concepção freiriana (1975), os sujeitos utilizam-se de sua capacidade criadora, ou produtora, na construção de táticas que, de acordo com Certeau, representam a arte do mais fraco. Visando justamente conhecer algumas faces de tal arte, algumas táticas empregadas por sujeitos adultos e idosos aprendentes em uma classe de EJA, iniciei o *mergulho na prática* referido por Garcia (2003), compreendendo que conhecer uma história envolve enredamento por muitas histórias, por narrativas dos sujeitos que *praticam* o cotidiano e enfrentam os limites impostos por uma ordem injusta que insistem em superar.

Freire (2002) afirma que a ordem injusta gera a violência dos opressores e esta, a desumanização e o *ser menos*, que embora represente um fato concreto na história, não é destino dado, mas uma distorção do *ser mais*, condição original de todos os sujeitos. Assim, embora retirados da condição de ‘ser mais’, os educandos empregam táticas para afirmarem-se e reafirmarem-se como possíveis produtores do inédito-viável mesmo quando o entorno procura destacar o não-poder. Mergulhar no cotidiano, viver com os educandos tantas diferentes histórias, revelações e interações, conhecendo suas relações com as práticas escriturísticas e algumas de suas táticas, possibilitou a retomada de minhas próprias memórias em diálogo com as memórias de outros sujeitos que também reinventam suas existências por meio de suas narrativas. E o enredamento por tantas histórias acabou por demonstrar que as trajetórias de vida, semelhantes em diversos aspectos, são sempre singulares: as privações, a exclusão e a própria escolaridade não-realizada na dita “idade própria” inserem-se de diferentes maneiras nos discursos e revelam a variedade de táticas criadas no exercício de tomar a própria existência nas mãos e de produzir novas maneiras de posicionar-se no mundo.

Palavras-chave: Prática escriturística, Táticas, EJA.

### **Bibliografia:**

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Tradução: Ephraim F. Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo Pedagogia do oprimido. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

\_\_\_\_\_. Educação e mudança. Trad. Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

GARCIA, Regina Leite (Org.). Método; Métodos; Contramétodo. São Paulo: Cortez, 2003.